



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14400 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE RELAÇÃO COM A COMUNIDADE EDUCATIVA

Antonio Marcos de Sousa Barbosa Miranda - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
 Isabel de Oliveira E Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
 Sandro Vinicius Sales dos Santos - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE RELAÇÃO COM A COMUNIDADE EDUCATIVA

Resumo: Este texto analisa a compreensão dos professores homens sobre suas práticas na Educação Infantil e sua relação com a comunidade educativa nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) em Belo Horizonte/MG. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou questionários aplicados a 14 professores e entrevistas com 3 deles. Verificou-se que o número de professores homens na EI é baixo, o que levanta questões sobre as relações de gênero na profissão docente. Observaram-se percepções diferentes entre os professores em relação às suas interações com o núcleo gestor e as colegas professoras, com avaliações positivas para o primeiro grupo e desconfianças e comentários negativos para o segundo. A maioria dos professores não percebeu estranhamentos por parte das crianças, embora tenham sentido desconforto em tarefas de higiene e cuidado. Houve casos de desconfiança, por parte das famílias, que foram desfeitos a partir da convivência.

Palavras-chave: Educação Infantil; Belo Horizonte; relação com as famílias; Professores Homens

Introdução

O presente texto reporta-se à minha pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar como os professores homens compreendem suas práticas como docentes da Educação Infantil (EI) e a relação com a comunidade educativa nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte.

Segundo o Censo Escolar de 2021 (INEP, 2022), dos 635.722 professores na EI, apenas 26.562 eram homens, representando uma proporção de 1 para 23,93 mulheres. Em Belo Horizonte, dos 9.407 docentes na EI, somente 204 eram homens, correspondendo a 2,17% do total. Esses dados incluem professores de escolas públicas e privadas, mas a pesquisa em questão focou nos professores das EMEIs.

A partir de 1993, a prefeitura de Belo Horizonte incluiu a EI em sua agenda política, mas apenas em 2003 o município criou as Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs) e estabeleceu o cargo de educador infantil, por meio do Programa Primeira Escola. Em 2018, as UMEIs foram transformadas em EMEIs com autonomia administrativa. Somente com o primeiro concurso público para o cargo de educador infantil, homens começaram a ingressar na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A docência na EI é exercida majoritariamente por mulheres no Brasil e em outros países, em decorrência da associação histórica entre mulheres e o trabalho de cuidado da família e atividades domésticas. Além disso, a predominância feminina na EI tem origem nas lutas das mulheres de classes populares para atender às suas demandas por políticas na área educacional que oferecessem um lugar adequado para o cuidado e a educação de seus filhos, enquanto trabalhavam fora de casa (VIEIRA, 1986; CERISARA, 2002; GUIMARÃES, HIRATA e SUGITA, 2011).

A presença masculina na EI é vista com desconfiança e estranhamento, especialmente quando envolve atividades de cuidados relacionados à higiene de crianças, sobretudo bebês. Isso se deve à leitura social dos homens na perspectiva de um pânico moral, reforçado pela onda conservadora dos últimos anos no Brasil.

Estudos de gênero são importantes para entender a predominância feminina na docência, especialmente na EI, que reflete a construção social de identidades de gênero e a divisão sexual dos papéis. A subordinação das mulheres em relação aos homens é explicada pela sociedade patriarcal e a divisão sexual do trabalho. Questionar as normas de gênero é fundamental para reconstruir a identidade docente na EI, mas as identidades profissionais são gradualmente construídas através das relações sociais, envolvendo identificação, diferenciação e reconhecimento mútuo entre os grupos que atuam na área (SCOTT, 1995; FAUSTO-STERLING, 2002; SILVA, 2013).

Metodologia

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida ao longo de oito meses (de agosto de 2021 a maio de 2022) e foi conduzida em duas etapas. A primeira consistiu na aplicação de questionários e análise dos dados obtidos a partir das respostas de professores das EMEIs de Belo Horizonte sendo que, dos 22 professores homens que atuavam no município, 14 responderam ao questionário *online*, que ficou disponível para resposta de 03 a 26/08/2021.

Após a análise das respostas do questionário, foram selecionados 3 professores para a segunda etapa da pesquisa, que contou com a realização de entrevistas semiestruturadas individuais, buscando compreender a escolha da área de EI, os maiores desafios enfrentados por eles ao ingressar na EI, a recepção das colegas professoras e das famílias das crianças, e como os homens se sentiam em relação à sua presença na escola. As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e maio de 2022, por meio de videoconferência com duração entre 50 e 60 minutos.

Análise e Discussão de Resultados

O perfil dos sujeitos pesquisados mostrou-se heterogêneo e suas trajetórias na EI diversas. Observou-se que eles apresentaram diferentes percepções em relação às suas interações com a gestão e com as colegas professoras. Enquanto a relação com o núcleo gestor foi avaliada como positiva, as relações com as colegas professoras foram marcadas por desconfianças e comentários negativos. Por exemplo, o Professor Rômulo^[1] relatou ter recebido comentários sexistas de suas colegas, enquanto Carlos disse que as colegas não confiavam em seu trabalho. Fabrício teve que lidar com ciúmes das colegas em relação ao seu relacionamento com a direção da escola e Dênis percebeu muitas críticas vindas das suas colegas professoras. Gilson, por sua vez, relatou que as colegas consideravam que a sala de aula não era "o seu lugar", considerando sua qualificação como mestre em educação, e que elas tentavam "poupá-lo" das tarefas de cuidados com as crianças. Com o tempo e convívio com as colegas, esses estranhamentos foram dissipados e eles precisaram provar sua competência e idoneidade para serem aceitos (RAMOS, 2020).

Os professores enfatizaram a importância da figura masculina na vida das crianças, apesar da falta de estudos que confirmem essa visão. No entanto, também relataram preconceitos e desconfiança em relação à sua sexualidade, incluindo crianças que reproduziam a fala dos adultos.

Sílvio sentiu receio em relação aos cuidados pessoais e de higiene das crianças, pedindo à diretora para evitar dar banho e ficar sozinho com elas no banheiro. Essa preocupação é comum entre professores do berçário, como mostrado em outras pesquisas que apontam para o preconceito por parte da comunidade escolar e o desconforto em realizar ações de cuidado (AGUIAR JÚNIOR, 2017; MONTEIRO, 2019).

Carlos, Rômulo e Gilson relataram que suas experiências como pais os ajudaram nas tarefas de cuidado e higiene na EI. Outros fatores também foram relevantes, como experiências anteriores em instituições de educação e o apoio da coordenação e das monitoras. Alguns professores, como Osvaldo e Paulo, relataram preocupação em cuidar de meninas, enquanto Gilson evitava entrar no banheiro com as crianças. Essa relutância de alguns professores em exercer atividades ligadas ao cuidado também foi identificada por Monteiro (2019). Em sua pesquisa, a autora percebeu que havia certo desconforto por parte dos homens de se aproximarem de ações ligadas ao cuidado e à educação, com destaque ao

contato direto com as crianças, sobretudo, as do sexo feminino.

Quando questionados sobre possíveis estranhamentos das crianças em relação à sua presença na EI, a grande maioria (86%) afirmou não ter percebido nenhum tipo de estranhamento por parte delas. Apenas 2 professores relataram ter notado que elas demonstraram uma forma de admiração e curiosidade em relação à presença do professor na escola.

Apesar de um estranhamento inicial, a maioria dos professores sentiu-se acolhido pelas famílias das crianças. João, Rômulo e Osvaldo destacaram a importância do profissionalismo na conquista dessa aceitação. Embora a maioria dos professores tivesse uma boa relação com as famílias, Artur, Carlos, Tadeu e Gilson mencionaram casos de desconfiança. Gilson relatou um caso em que uma mãe trocou a criança de turno para não tê-lo como professor. Carlos relatou que ouviu uma mãe chamá-lo de abusador e Tadeu ouviu de algumas mães que achavam errado homem trabalhar com criança. Geralmente, quando há desconfiança, as famílias procuram outros profissionais da escola para dividir suas preocupações. A aceitação acontece a partir do respaldo dado por essas profissionais, minimizando as resistências ou fazendo com que elas desapareçam.

Tais desconfianças têm sido explicadas pela recorrência com que programas policiais na mídia de massas, reforçam a ideia de que os homens são os protagonistas em casos de pedofilia, possíveis abusadores e, portanto, oferecem perigo às crianças (SOUSA, 2011; RAMOS, 2020).

Na segunda etapa da pesquisa, selecionamos três professores para participarem de entrevistas, cujo critério de escolha foi a diversidade de espaços de atuação no momento da pesquisa: um professor que atuasse na creche, um da pré-escola e um que estivesse na gestão. Tal critério foi adotado com vistas a permitir maior compreensão dos diferentes aspectos da atuação na EMEI jogando luz sobre as especificidades quanto à faixa etária das crianças e também no que concerne à ocupação da função de gestor.

Os 3 professores entrevistados foram: Tadeu, 52 anos, Dênis, 46 anos e Carlos, com 45 anos à época das entrevistas. No momento da entrevista, Tadeu atuava como professor referência de uma turma de crianças de 5 anos e como auxiliar de coordenação na mesma EMEI. Dênis atuava com crianças de 3 e 4 anos e Carlos atuava como diretor de uma EMEI, já tendo exercido a função de coordenador pedagógico.

Os três professores foram unânimes em manifestar o gosto por trabalhar na Educação Infantil, tendo sido mencionado por um deles, inclusive, experiências negativas em trabalhos nos níveis subsequentes de ensino, com casos de violência escolar. As questões relacionadas ao gênero sempre estiveram presentes, exigindo deles um esforço maior, seja contando com a colaboração das colegas para favorecerem a confiança das famílias, seja contando com o tempo de trabalho que levasse ao reconhecimento interno e externo de que eram capazes de educar e cuidar de crianças na EI. Conforme destacado por Dênis, os preconceitos sempre

estiveram presentes e mais intensos ainda quando se tratava de assumir a docência com bebês. Assim como os demais, não houve menção ao curso de pedagogia como tendo oferecido subsídios suficientes para o trabalho na EI. No entanto, Dênis mencionou que contou com a ajuda de sua esposa, professora experiente da EI que, inclusive, esclareceu sobre os desafios específicos do trabalho no berçário, a partir do qual ela julgava que o professor se tornava apto ao trabalho com as demais idades.

Observa-se, portanto, que há importantes desafios pelo fato de serem homens atuando em uma área historicamente feminina, o que não nos permite afirmar que sejam exclusivos dos professores. Já os preconceitos de gênero são claramente vividos pelos homens na docência na EI, acrescido de um aspecto delicado na medida em que pesa sobre eles uma desconfiança quanto ao seu caráter, com desconfianças relativas a possíveis violências contra as crianças somente pelo fato de serem homens.

Considerações Finais

Verificou-se que o número de homens na EI é reduzido, o que reforça a relevância das relações de gênero na profissão docente. Os homens que desejam atuar nessa área enfrentam preconceitos, estranhamentos e desconfianças, além da associação com a pedofilia e abusos contra crianças. O estereótipo de que apenas mulheres possuem habilidades para atuarem com crianças pequenas é reforçado, assim como a associação das professoras com o papel de mãe ou tia, como se fossem uma espécie de substitutas da família.

Na EI, é essencial ter referências masculinas e femininas para o desenvolvimento completo das crianças, principalmente em creches, onde as relações de cuidado e educação podem promover uma experiência coletiva mais equilibrada entre homens e mulheres. Apesar de poucas pesquisas abordarem a presença de professores homens na EI, percebe-se um aumento de contribuições nessa área, em meio a um contexto político e religioso conservador que associa a presença masculina em escolas com abusos de crianças. Para fortalecer a presença masculina na EI, é necessário incentivá-los, pesquisá-los e questioná-los, trazendo experiências positivas e possibilidades de atuação no cuidado e educação de bebês e crianças pequenas.

Referências

AGUIAR JUNIOR, José Durval. *Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil*. 124 f. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CERISARA, Ana Beatriz. *Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional*. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 2002. 120 p.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 17-18, p. 9-79, 2002. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002> >. Acesso

em: 24 Ago. 2020.

GUIMARÃES, Nadya Araujo, HIRATA, Helena Sumiko e SUGITA, Kurumi. Cuidado e Cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. *Sociologia & Antropologia [online]*. 2011, v. 1, n. 1, pp. 151-180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752011v117>>. ISSN 2238-3875. Acesso em: 23 set. 2022.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopse Estatística da Educação Básica 2021*, Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <acesse.one/3IPFI>. Acesso em: 04 abr. 2022.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. *Gênero e Gestão da Educação Infantil: Trajetórias e experiências de homens e mulheres que trabalham como diretores(as) educacionais*. 2019. Tese. Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-graduação em Educação, Campinas (SP), 2019.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade. *Quem tem medo do lobo mau? Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na Educação Infantil*. 18/09/2020 379 f. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <encr.pw/YKMwn>. Acesso em: 25 jul 2020.

SILVA, Isabel de Oliveira e. *Professoras da Educação Infantil: formação, identidade e profissionalização*. Salto para o Futuro, v. 1, p. 28-35, 2013.

SOUSA, José Edilmar de. *Por acaso existem homens professores de Educação Infantil?: um estudo de casos múltiplos em representações sociais*. 2011. 206f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2011.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. *Creches no Brasil: de mal necessário a lugar de compensar carências rumo à construção de um projeto educativo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1986.

[1] Para preservar a identidade dos entrevistados, utilizamos nomes fictícios.